

Olhares estrangeiros sobre Maio de 68: testemunho e mito¹

Ana Paula Coutinho Mendes
Universidade do Porto

amendes@letras.up.pt

«O mais pirandellianamente possível, para cada um o seu Maio de 68»

Eduardo Prado Coelho

Em 1957, cerca de 10 anos antes do mês de Maio que paralisou, de revolta e espanto, a cidade de Paris como a generalidade da França, Roland Barthes tinha publicado *Mitologias* – um conjunto de breves análises semiológicas a partir de textos e de outros objectos não linguísticos, seguidas de um ensaio global com o título «O Mito, hoje». Não obstante a sua argúcia interpretativa de alguns «sinais dos tempos», ela não lhe permitira adivinhar que, em breve, a História iria disponibilizar-lhe, logo ali ao sair da porta, algumas surpresas que teriam permitido ou mesmo exigido actualizar, por exemplo, a sua leitura de «O público da greve».

Aquilo que começou por ser uma rebelião pontual de estudantes em meados de Março de 1968, na periferia de Paris, rapidamente veio a alastrar-se e a ganhar contornos discursivos que se confirmavam, por um lado, alguns dos axiomas e ilações barthesianos sobre «o mito», obrigavam também, por outro, a uma revisão que o referido ensaísta não chegou a elaborar nem a incluir nas edições seguintes das suas *Mitologias*. Claro que o então Professor da École des Hautes Études não se furtou a comentar esse «acontecimento esfinge» (Edgar Morin) no seu imediato rescaldo, tendo publicado no final de 1968, na revista *Communications*, um artigo intitulado «L'écriture de l'événement»¹. Aí mesmo sublinhava que a grande novidade do que tinha acontecido durante aquele mês de Maio residira no facto de a palavra se ter colado à própria opacidade do seu presente, acabando assim por se tornar o próprio acontecimento. Se revolução houvera, ela radicara na

¹ A perspectiva deste estudo enquadra-se na pesquisa sobre exílio(s) e migrações que levo a cabo no âmbito do projecto 'Interidentidades', do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade de Investigação & Desenvolvimento, sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação do quadro de Apoio III (POCTI - SFA - 18 - 500).

espontaneidade dos propósitos vagos e das interpelações interpessoais que tinham invadido completamente as ruas e outros espaços públicos: uma performance colectiva, fluida e excessiva, de «tomada da palavra», num cenário real em que coincidiram os actores e receptores dos relatos da própria acção.

Não deixa de ser curioso verificar como a categorização bipolarizada do mito, à esquerda e à direita, para que apontava Roland Barthes em 1957, defendendo inclusive que a «linguagem propriamente revolucionária não pode ser uma linguagem mítica» (Barthes, 1978: 213), dado que a revolução, enquanto acto catártico que *faz* o mundo, desenvolve uma linguagem que exclui o mito, viria a ser colocada em causa poucos anos depois. Não só os acontecimentos de Maio de 68 se resumiram fundamentalmente a «actos de palavra» (mesmo se por vezes acompanhados de bastões, gases, pedras, barricadas e carros incendiados ...), como também viriam rapidamente a dar origem àquela «fala excessiva» a que se reportara o autor de «O mito, hoje» e cuja função central é reagir à dissipação do real, recriando-o. Nesse sentido, julgo que poderemos inferir que, *malgré tout*, a “revolução” consubstanciada no mês de Maio de 68 representou a interpelação do mito que não mente nem revela, limita-se a inflectir para sobreviver (Barthes, 1978:194-195).

Antigamente, do acontecimento histórico até à sua depuração mítica o tempo era longo, costumavam decorrer alguns séculos que aliviavam as narrativas de quase todos os factos e intervenientes, conservando apenas um sentido abrangente, exemplar ou estrutural, da contingência. A aceleração que abrange todas as dimensões da vida moderna veio diminuir de forma radical esse intervalo de passagem à condensação narrativa, de modo que a emergência e a evanescência praticamente coincidem, tal qual as duas faces da mesma moeda discursiva que tanto revela os factos como os dissipa na medida em que os expande, ou como os expande na medida em que os dissipa.

Desde logo porque funcionou como coroação de um ano *vintage* de acontecimentos com elevada repercussão internacional, «Maio de 68» terá sido dos primeiros eventos históricos (senão mesmo o primeiro) a desenvolver de imediato uma «aura mítica» que atravessou fronteiras e que, no espaço de pouco tempo, granjeou todo um culto de defensores, revisionistas e opositores. Apesar de se situarem em lugares distintos das barricadas, agora já só simbólicas, a verdade é que todos têm concorrido para essa «fala

excessiva» que assegura a perenidade dos principais e evasivos clamores de Maio de 68, mesmo quando o objectivo parece ser destroná-los.

Os textos que escolhi para brevemente ilustrar a dimensão mitificante da multiplicação discursiva em torno de Maio de 68 apresentam como circunstância comum terem sido escritos por autores não franceses que viveram «Maio de 68» *in loco*, precisamente em Paris, onde se encontravam por razões pessoais, profissionais ou políticas. No caso de Mavis Gallant, escritora canadiana de língua inglesa que, desde os anos 50, optou por residir na capital francesa, dedicando-se em exclusivo à escrita ficcional, a autora levou a cabo um diário entre 3 de Maio e 4 de Junho de 1968 que veio a ser publicado meses depois no *New Yorker*. Mais tarde, em 1986, essas notas diarísticas seriam incluídas no seu *Paris Notebook, Essays and Reviews*, embora as referências e citações que aqui utilizo se reportem à tradução francesa do diário, publicada em França em 1988, com o título *Chroniques de Mai 68* e reeditadas em 1998.

Para o caso, as precisões bibliográficas são bastante relevantes, pois revelam a coincidência com as celebrações da efeméride passadas, respectivamente, duas e três décadas dos acontecimentos. Quer isto dizer que a repetição cirúrgica do discurso datado, colado à vivência dos factos, torna por demais evidentes quer o interesse comercial da edição, quer a sua funcionalidade mitificadora, ao potenciar o (re)encontro com a intensidade do acontecimento histórico. Além disso, importa notar que esse efeito de repetição acontece no campo sócio-cultural da França, ou seja, visando em especial, o público francês ou francófono, pelo que a (re)edição contribui claramente para uma mitografia doméstica, tanto mais curiosa quanto surge assinada por uma autora estrangeira.

O caso de Mavis Gallant é o único neste pequeno conjunto em que a escrita é exactamente contemporânea dos acontecimentos². Já nos textos dos outros autores existe sempre a distância de algumas (ainda que poucas) décadas que acaba por transformar os factos num efeito de memória ligado a um grau variável de construção ficcional. O escritor peruano, Alfredo Bryce Echenique, que nesses idos de 60 também vivia na capital francesa,

² Outros estrangeiros que habitavam à época em Paris, seriam também levados a escrever um «diário», como foi o caso do professor e ensaísta português António José Saraiva, fazendo-o sob o pseudónimo de João Cândido, e que viria a incluir posteriormente no seu ensaio *Maio e a crise da civilização burguesa* (1970) que alguma polémica ideológica haveria de causar no Portugal timidamente marcelista. O «diário» em causa não acompanhou contudo desde o início esse Maio de referência.

onde estudou Literatura na vetusta Sorbonne, evoca os acontecimentos num texto indisfarçadamente autobiográfico, intitulado «A morte mais bela de 68». Alegadamente escrito por encomenda para uma homenagem colectiva ao cinema espanhol, viria a ser convertido pelo autor num dos contos do seu irónico e provocatório *Guía Triste de Paris*, dado à estampa em 1999. Quanto aos dois outros autores, desta feita portugueses – Manuel Alegre e Fernando Pereira Marques – a oposição ao regime de Salazar levava-os a procurar refúgio naquela que, à época, era ainda a grande capital europeia do cosmopolitismo moderno e também já pós-moderno, reunindo ao sabor das circunstâncias diferentes exílios e emigrações, forçados ou voluntários, vindos dos mais diversos quadrantes.

O autor de *Rafael* (2003) consagra todo o capítulo 74 do seu romance do exílio a uma evocação declaradamente poética de Maio de 68, sem no entanto o identificar completamente como tal, enquanto o sociólogo Fernando Pereira Marques se dedicou, em 2005, a um exercício de «ego-história» a que deu o título, em eco traduzido de um dos célebres slogans da época: *A Praia sob a Calçada – Maio de 68 e a «Geração de 60»*. Não se trata propriamente de um estudo académico nem mesmo de um ensaio biográfico, mas antes de um esclarecimento da própria história do autor como se de um outro se tratasse, estando Pereira Marques consciente daquilo que se perde e ganha quando revelado por esse prisma das vivências e das emoções (Marques, 2005: 20).

Em qualquer um destes textos, independentemente das suas diferenças discursivas, do contexto e do horizonte de expectativas dos seus leitores mais previsíveis, existe também um denominador comum em relação ao imaginário recriado em torno da capital francesa. Depois de Paris balzaquiano, de Paris da Comuna, de Paris dos Modernistas, de Paris da Libertação, ergue-se o imaginário de «Paris de (Maio de) 68», em declarado prolongamento de algumas daquelas mitificações anteriores, mas elevado a uma escala surpreendentemente abrupta que coloca a capital francesa num autêntico estado de sítio onírico, como nem os surrealistas das primeiras décadas do século alguma vez terão julgado possível. Não é apenas o registo directo dos acontecimentos a não perceber o que se está diariamente a passar, também a escrita desfasada no tempo se mostrará incapaz de resolver o enigma daquilo que extravasou dos mecanismos convencionais de leitura e de actuação social e política. Assim, podemos ler no referido romance de Manuel Alegre:

Não foram apenas as barricadas, as manifestações, as greves, a paralisia quase geral. Nem sequer o mar que subitamente irrompeu sob o pavimento, o ir uma pessoa à rua e sentir-se na praia em pleno centro de Paris, nem tão pouco a festa, a comunhão, o estado de graça. Foi talvez o espírito de Rimbaud com seu anjo e seu demónio que desceu sobre a cidade com sua liberdade livre e aquele seu *Je est un autre*. Porque foi isso que aconteceu. De repente cada um era um outro. Por mais analistas, sociólogos e filósofos se interrogassem e procurassem responder, ninguém ao certo conseguia perceber o que de facto se passava (Alegre, 2003:211).

O que surge aqui verbalizado como clima de alteração ou de alterização de raiz poética, aparecia como suspeita de psicose colectiva, de «histeria contagiosa» nas notas espontâneas de Mavis Gallant – «Tout le monde me raconte des rêves et des cauchemars bizarres» (*op.cit.*: 144) –, a qual, já para final do mês de Maio, haveria ainda de registar o desconcerto perante o fim súbito de toda a dimensão excessiva, teatral, dos dias e semanas anteriores: «Dans les rues, rien n’a changé. Je commence à me demander si je n’ai pas rêvé» (*idem*: 63), ou ainda «Ce qu’ils voulaient au début, à la Sorbonne, était du pur délire, et les cyniques de tous poils sont heureux que cela n’ait pu se réaliser» (*idem*: 199).

Para Pereira Marques, então jovem português universitário, cronista em privado³, a desfrutar do fulgor de todas as iniciações, tratava-se de pairar «numa espécie de êxtase» (Marques, 2005: 256), de «aventura primaveril» (*idem*: 133), com as suas vertentes dionisíacas e libertadoras, como foi o caso daquela noite de 10 de Maio, cujas barricadas envolveram bem mais do que a rimbaldiana «oisive jeunesse». Assim nos conta o autor de *A Praia sob a Calçada*:

(...) qualquer coisa de esquisito estava a acontecer, sendo difícil de definir o que contagiava tanta gente. Não só os estudantes dos liceus e das universidades, mas muitos pacatos e maduros cidadãos que aproveitavam as circunstâncias para viver uma noite diferente, desafiando a autoridade, pondo em causa a ordem estabelecida e a rotina diária do «metro, boulot, dodo» (*idem*: 83).

Mas Maio de 68 haveria de fazer-se de muitas mais insubordinações; inclusive de subversões mais ou menos discretas que levavam às últimas consequências o *slogan* da impossibilidade radical da proibição, permitindo assim fruir do prazer, então recriminável para muitos, de assistir a filmes vindos do imperialismo «yanquee». É afinal esse o «drama

³ Fernando Pereira Marques era à época «garde malade» de um jovem francês deficiente, a quem ia contando o que se passava nas ruas de Paris.

interior» que Bryce Echenique recupera com subtil ironia, lembrando os seus primeiros anos em Paris, marcados pelo «pecado» da indeterminação cinéfila, ou seja, por aquela que era a sua incompleta aculturação ou rendição ao cinema europeu. A recaída do jovem intelectual peruano dar-se-á justamente em 1968, quando não resiste a ver, contra tudo e contra todos, o policial *Madigan* (então perigosamente traduzido por *Police sur la ville*), do realizador americano Don Siegel e protagonizado por Richard Widmark, de quem o narrador-autor guardava memórias cinematográficas tão marcantes quanto inconfessáveis. Vale a pena lembrar o registo de entusiasmante proximidade com que Alfredo Bryce Echenique narra esse acto solitário, à margem ou em contra-corrente daquela que era a subversão geral em Paris:

(...) Por isso lhes vou contar que, na manhã seguinte a ter ido para casa, presa de mil contradições, acordei. Não havia táxis, nem metro, só estudantes revolucionando pelas ruas, e eu, que, modéstia aparte [sic], continuo a ser um estudante da vida, caminhei tranquilamente até à *rue* de Saint Paul, mesmo até ao Cinema Saint Paul, e claro, já tinham queimado aquele letreiro de *Polícia sobre a cidade*, mas continuavam a passar o filme *Madigan*.

Já não havia nem vendedor na bilheteira para ir ver o filme. E eu que naquela época usava uma boina basca (vá-se lá saber porquê), tirei-a, respeitosamente. Entrei, sentei-me na última fila do cinema (...) (Echenique, 2001: 136).

À medida que a acção do filme evolui, vai-se aproximando mais do *écran* para acompanhar emocionado o final trágico do protagonista, que se confunde com a atracção pelo próprio actor. E continua, para concluir, o autor de «A Morte mais bela de 68»:

Depois, compreendem, senhores, sair do cinema, verificar que chegou Julho, verificar que chegou Agosto, verificar que a Revolução, no Outono seguinte, tinha acabado sem mortos e que tive de esperar todo esse tempo para lhes contar que realmente houve uma morte muito bela. E que, como já a contei umas linhas mais acima, o único que me resta é dizer-lhes:

- Beijem, idiotas. Beijem a morte mais bela de 68, senhoras e senhores (*idem*:137).

Neste apelo final provocatório porquanto evoca e congrega paixões cinematográficas paradoxalmente proibidas ou censuráveis⁴, existe uma coincidência tão irónica quanto melancólica entre o tempo encantatório da projecção de um filme e a fugacidade da própria revolta primaveril. Além disso, julgo ser importante destacar também um outro aspecto que

⁴ Para além do referido *Madigan*, são evocados *Kiss me, stupid* e *Pick up on South Street*, todos eles filmes à moda de Hollywood, ou seja, nos antípodas da cinematografia da «nouvelle vague», então em moda nas salas parisienses, assinada por autores como Godard, Truffaut ou Schamoni.

tem a ver com a ínfima mas irreduzível distância que separa o narrador das outras personagens desse macrofilme que aqui representa Maio de 68. É a partir desse ângulo que se instala a percepção de quem, para todos os efeitos, era um estrangeiro (i.e., um não natural, um deslocado) nessa cidade tornada cenário vivo de uma improvisação colectiva. E é a partir dele, por conseguinte, que se vão infiltrando alguns pontos de desvio ou de perturbação relativamente a um imaginário francês auto-complacente.

Apesar do número considerável de estrangeiros acolhidos ou escondidos, em mansardas, em sótãos, em quartos de residências universitárias (ou não), em apartamentos compartilhados ou, simplesmente amontoados em *bidonvilles*, Paris, e a França em geral, tendiam a ignorar ou a depreciar essas presenças mais ou menos clandestinas e seus olhares estranhos. No caso do escritor peruano, a história em torno das (suas) paixões cinematográficas, acaba por retratar com subtil distanciamento a censura e a auto-exclusão de quem vem de fora com outras referências, que nem sempre encaixam completamente nos padrões comportamentais, estéticos e ideológicos dos autóctones ou mesmo de grupos compatriotas também eles exilados.

E todavia, a revolta contra um arraigado autismo francês, quando não mesmo xenofobia, constituiu um dos principais detonadores dos acontecimentos de Maio de 68. Na introdução que escreveu para a edição em livro do seu diário, Mavis Gallant lembra que aquilo que começara por lhe chamar a atenção nas notícias sobre os acontecimentos em Nanterre era a atitude dos estudantes perante a ameaça de expulsão de um estudante judeu alemão [Daniel Cohn-Bendit]: «L'idée même que des étudiants français puissent prendre la peine de s'intéresser au sort d'un étranger me semblait si étonnante que je découpai l'article pour le conserver» (Gallant, 1998: 9).

Esse espanto inicial ver-se-ia depois confirmado quando, apesar de algumas resistências e incompreensões pontuais diante daquilo que foi testemunhando ao longo do mês, Mavis Gallant acompanha, em 22 de Maio, uma manifestação de jovens que gritam slogans como «Nous sommes tous des juifs allemands» ou «On s'en fout des frontières» A escritora canadiana anota então:

C'est l'événement le plus important, je crois, depuis le début de ce fantastique mois de mai, parce que cela révèle que le caractère français est en train de changer, d'apprendre la

générosité. Pour la première fois, j'entends une voix en France sortir des limites du chauvinisme. Je marche à côté d'eux, sur le trottoir (*idem*: 70).

Estamos perante um dos poucos momentos em que aquela que começou por ser uma cronista informal se deixa visivelmente emocionar por uma cena que retrata como irreal. É nesse momento que a autora testemunhal se sente interpelada pela ousadia dessa jovem geração do pós-guerra, da qual em geral se sente a vários títulos distante:

Personne de ma génération n'a dit cela, et pourtant Dieu sait *s'il y avait de quoi*. Je suis convaincue que ces jeunes-là sont meilleurs que nous ne l'étions. D'abord, parce qu'ils n'ont jamais eu peur abstraite. La peur abstraite, oui ils connaissent, mais pas la peur physique (*idem* :72).

Também o autor de *A praia sob a calçada* reconhece que nunca se sentiu tão pouco estrangeiro em Paris como nessa breve Primavera de 68, embora logo nos primeiros confrontos com a polícia, esse seu estatuto tenha constituído um factor de alguma coacção, para além de mais tarde vir mesmo a significar expulsão da França para algumas centenas de estrangeiros, inclusive de quase duas dezenas de portuguesas.

Em meados de Maio, na Sorbonne, chegou a circular um género de manifesto em defesa da «abolição do estatuto dos estrangeiros em França» – numa atitude que, em 2005, Fernando Pereira Marques não hesita em considerar tão generosa quanto cândida, numa atitude (auto-)crítica ou de desilusão que Mavis Gallant, já em 1968, fora levada a sentir, logo uma semana depois de se ter entusiasmado com aquilo que parecia ser uma «reviravolta extraordinária do carácter francês». Ao presenciar a reacção das gerações mais velhas ao espírito juvenil de abertura, que entoavam com particular emoção a Marselhesa, a canadiana reconhece sentir pela primavera vez o incómodo e apreensão de ser uma estrangeira em Paris (*idem*: 165).

Já nessas baptizadas crónicas de Maio de 68, e por maioria de razões nos outros textos posteriores aos acontecimentos, apercebemo-nos do declínio da euforia e do distanciamento crítico, expostos ou velados, a atingir os próprios sujeitos da escrita, directamente ou por transmissão. Mas o que torna a ser mais marcante e que confere aura a esse «breve tempo das cerejas» é que o próprio declínio faz já parte de «Maio de 68» enquanto «mito da manhã da História», enquanto desejo de mudança radical e

desinteressada, enquanto contestação absoluta, enquanto caos originário que antecede a ordem como reequilíbrio.

Se a mitificação é, por um lado, corrosiva, por outro, é a grande condição da perenidade do acontecimento histórico a nível da memória colectiva, como bem lembrou Mircea Eliade no seu *O Mito do Retorno*:

Seja qual for a sua importância, o acontecimento histórico em si só perdura na memória popular e a sua recordação só inspira a imaginação poética na medida em que esse acontecimento histórico se aproxima de um modelo mítico (Eliade, 1992: 57).

Para alguns estrangeiros a residir na altura em Paris, nomeadamente para os portugueses, faltavam apenas (ou ainda) alguns anos para de novo lhes ser permitido vivenciar, em solo natal, esse instante de alba de todos os desígnios e possibilidades. Para o autor-narrador de *Rafael* a resposta ao mistério dos acontecimentos que haviam desarmado filósofos, políticos e especialistas, seria dada mais tarde por «um poeta português» que em situação semelhante levou Vieira da Silva a pintar e a escrever em Paris, mas a pensar em Portugal: «A poesia está na rua» (Alegre, 2003: 213).

Se para muitos, em França como no estrangeiro, Maio de 68 acabou com uma derrota, para o eu do Autor em *Rafael*, não restam dúvidas quanto à vitória que relaciona com a não consumação do desejo do poder, em especial quando a oportunidade se apresentou francamente possível perante a ausência de De Gaulle no Eliseu:

Porque a imaginação ao poder era isso mesmo, ter o poder à mão e não o querer. Foi por isso que aquele Maio, não sendo uma revolução, foi uma revolução. E tendo acabado, dizem, por uma derrota, foi, escrevo eu, uma vitória. Porque só assim o poderia ser: passando à porta do poder vazio e não entrar (*idem*:215).

O sonho torna-se tanto mais inspirador quanto permanece por cumprir, quanto cria uma cicatriz que se torna reincidente. Já em alguns dos seus contornos históricos e, cada vez mais, à distância ou sob o prisma da recriação artística (literária ou outra) «Maio de 68» corresponde ao «arquétipo» da manhã do mundo, ao desejo de «Quelque chose de propre», como respondeu uma mulher anónima a Mavis Gallant quando esta lhe perguntou o que esperava de toda aquela desordem (Gallant, 1998: 13). Muitos dos protagonistas e diferentes

analistas têm-se entretanto desviado, de forma mais ou menos exposta, da herança «soixante-huitarde».

Mas, o facto de terem testemunhado ou mesmo participado não chega por si só nem para valorizar nem para comprometer a narrativa trans-histórica de «Maio 68». Para alguns, o facto de terem vivido em pleno ou participado directamente nos acontecimentos parece que os leva a desembaraçarem-se deles mais facilmente, tal como reconheceu em 2001 Jean Baudrillard. Não cabe nestas linhas analisar as derivas históricas ou sociológicas de «Maio de 68». Atenta às representações simbólicas, limitar-me-ei a sublinhar que os mitos se tornam tanto mais fortes quanto chegam a coexistir ou a incluir em si mesmos a sua própria desconstrução.

À medida que o tempo passa, não é apenas para os historiadores que se torna mais fácil escarpelizar e relacionar os acontecimentos desse mês, desse ano ou mesmo dessa década paradigmáticos a vários níveis. Também para os literários e para outros críticos de arte o fenómeno em si começa a ganhar dimensões reveladoras à medida que vão surgindo os jogos de luz e sombra que, por diferentes discursos, constroem e perpetuam o rastilho do mito.

Com efeito, é a própria História das histórias que nos mostra que se o destino dos homens é quase sempre previsível, já muitas vezes é insondável o caminho das palavras, pelo menos o futuro de algumas delas, aquelas que tocam fundo em estruturas de base da existência humana. Quando já parecem gastas, inofensivas ou inconsequentes, reacendem-se, refeitas outras. Alguns têm concluído que Maio de 68 já não passa do seu próprio simulacro, mas talvez estejam a esquecer, de propósito ou involuntariamente, que depois do final de uma tomada de poder imaginário, quase sempre se solta, e sem contar, o poder do imaginário. Pelo que verdadeiramente os mitos não morrem nem se abatem!

Referências bibliográficas:

- ALEGRE, Manuel (2003). *Rafael*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BARTHES, Roland (1978). *Mitologias*. Tradução e Prefácio de José Augusto Seabra, Lisboa: Edições 70 [ed. orig.: *Mythologies*, Paris: Seuil, 1958].
- ECHENIQUE, Alfredo Bryce (2001). *Guia triste de Paris*. Tradução de Miranda das Neves, Lisboa, Teorema [ed. orig: *Guía Triste de Paris*, 1999].
- ELIADE, Mircea (1992). *O mito do eterno retorno : arquétipos e repetição*. Lisboa: Edições 70 [ed.orig: 1969].
- GALLANT, Mavis (1998). *Chroniques de Mai 68*. Traduit de l'anglais par Françoise Barret –Ducrocq. Paris : Payot& Rivages [1988].
- MARQUES, Fernando Pereira (2005). *A Praia sob a calçada. Maio de 68 e a «Geração de 60»*, Lisboa: Âncora
- SARAIVA, José Augusto (1970). *Maio e a crise da civilização burguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América.